



C. Mun.
AS
AS

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ATA N° 2/2024

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO DIA DO 25 de ABRIL

Sessão realizada no dia 25 de abril de 2024, no Auditório do Centro de Artes de Sines

Presenças dos membros da Assembleia Municipal

Presidente: Idalino Sabido José (PS), -----

1ª Secretária: Nádia Andreia Pacheco Vilhena (PS) -----

2º Secretário: Artur Licínio de Oliveira Martins (PS) -----

Tiago Jorge Guerreiro Santos (PS) -----

Sónia Margarida Silva Santos (PS) -----

Ricardo Ferreira de Brito (PS) -----

Rui Filipe da Silva Encarnação (PS) -----

Amélia João Chamorro Nunes (PS) -----

José da Silva Raposo (PS) -----

Edgar Filipe de Jesus Almeida (PS) -----

Ricardo Bruno da Silva Baltazar (PS) -----

Manuel António de Campos Botelho da Lança (MAISines) -----

Paula Schneider Silveira (MAISines) -----

Paulo César Lála de Freitas (MAISines) -----

João Gonçalo Barata Loureiro Cruz (MAISines) -----

Gil Vasco da Silva Gonçalves (MAISines) -----

Ana Isa Plácido Correia (CDU) -----

Soraia Cristina Pinela Pereira (CDU) -----

António Francisco Almeida Roberto (CDU) -----

Joaquim António Lopes Serrão (PS) -----

José Pedro do Nascimento Arsénio (PS) -----

Presenças da Câmara Municipal de Sines: -----

Presidente: Nuno José Gonçalves Mascarenhas -----



Rum
d
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

Vereador: Fernando Miguel Ramos -----

Vereadora: Filipa Marta Torres Faria -----

Vereador: José Manuel Guerreiro Arsénio -----

Vereador: Gonçalo José Teixeira Pimenta Maldonado Naves -----

Vereador: Jaime António Pereira Pires de Caceres -----

Ausências da Assembleia Municipal de Sines: -----

Fátima Isabel Gomes Cardoso (MAISines) -----

Miguel Nuno Prata Pacheco (CDU) -----

Ausências da Câmara Municipal de Sines: -----

Vereador: António Luís Barreiros da Silva Braz -----

Eram onze horas, quando o Presidente da Assembleia Municipal de Sines, **Idalino Sabido José**, deu por aberta a Sessão Solene Comemorativa do 50º Aniversário do 25 de Abril, saudando os presentes. Informou que de acordo com o Regimento da Assembleia Municipal de Sines, a Sessão Solene Extraordinária só terá a Ordem do dia, que hoje constará somente das intervenções dos Grupos Políticos com representação na Autarquia, de acordo com o determinado em reunião com os líderes desses grupos. Antes de dar a palavra aos membros do executivo e da Assembleia Municipal, referiu que iriam fazer “uma singela homenagem a todos os antifascistas e democratas que já não estão entre nós. Recordo aqui Américo Leal, José Pacheco, Júlio Gomes da Silva, José Rodrigues Vilhena, Durval Prates Ferreira, António Silva Jorge, entre muitos outros que se dedicaram à causa da liberdade. Peço que façamos um minuto de silêncio em sua memória”. -----

Depois de cumprido o minuto de silêncio, o Presidente da Assembleia Municipal de Sines, **Idalino Sabido José**, informa que se vão seguir os discursos comemorativos destes cinquenta anos do 25 de Abril pela seguinte ordem: O Presidente da Assembleia Municipal, o representante da CDU, o representante do MAISines, o representante do Partido Socialista e a fechar, o Presidente da Câmara Municipal de Sines. -----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

Seguem-se todas as dissertações. -----

Dissertação do Presidente da Assembleia Municipal de Sines, **Idalino Sabido José**. -----

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sines, Senhora e Senhores vereadores da Câmara de Sines, Senhores presidentes das Juntas de Freguesia de Sines e Porto Covo, Senhores deputados municipais, Senhoras e Senhor representantes das entidades civis e militares, das associações de Sines e demais convidados, caros Sineenses. -----

Dizer-vos que é com muito orgulho que estou aqui convosco, para juntos comemorarmos os cinquenta anos do 25 de Abril de 1974, aquele dia inicial, inteiro e limpo de reencontro dos portugueses com a liberdade e que Sophia de Mello Breyner imortalizou no seu poema. -----

Orgulhoso por estar aqui convosco nesta evocação da Revolução de Abril, o primeiro Presidente da Câmara, Francisco Pacheco, eleito na primeira eleição do poder local democrático a 12 de dezembro de 76, sem esquecer o Dr. Manuel Coelho, segundo Presidente eleito em dezembro de 1997. Aos dois, a minha amizade e saúdo-vos. -----

Orgulho também extensivo aos ex-presidentes da Assembleia Municipal de Sines, Ferreira da Costa, Carlos Espadinha, Francisco Pacheco e José Luís Batalha aqui presentes, como também aos ex-presidentes das Juntas de Freguesia de Sines, Eugénia Amador, Luís Plácido, António Correia, Carlos Jesus Salvador e do Porto Covo, Luís Gil, José Manuel Arsénio, José Manuel Charnequinho, Sandro Martins e Cláudio Rosa. A todos vos saúdo e dizer-vos que foi um privilégio ter trabalhado convosco na qualidade de autarca num tempo que já perfaz mais de trinta e cinco anos ao serviço da causa pública na autarquia de Sines. -----

Nunca é de mais falar dos valores da liberdade e democracia inscritos no ideário dos generosos e patrióticos Capitães de Abril, que naquela madrugada libertadora souberam escolher o lado certo da história, ao proclamarem a concretização dos três D's do programa do Movimento das Forças Armadas, *Descolonizar, Democratizar, Desenvolver*. -----

Portugal e os portugueses durante estes cinquenta anos de caminhada para a modernidade, com avanços e recuos, têm no essencial sabido ultrapassar as dificuldades, garantindo a democracia e a liberdade inscrita na Constituição da República Portuguesa, considerada uma das mais progressistas do mundo, sendo uma âncora e um garante que importa defender e preservar. ---

Recordemos alguns dos principais marcos históricos de Portugal e dos portugueses nesta caminhada em democracia e liberdade. Pela primeira vez em quase novecentos anos da história



Chm
14
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

de Portugal, as mulheres obtiveram o direito ao voto universal e direto, consagrando-se assim um princípio da igualdade de direitos. -----

Portugal também é hoje reconhecido e acolhido no seio da Organização das Nações Unidas como um país democrático e cinquenta anos depois da Revolução dos Cravos prestigia-nos ter um português, o engenheiro António Guterres, que já no segundo mandato ocupa o alto cargo de Secretário-Geral da ONU. -----

Na sequência do pedido, em 28 de março de 1977, do então Primeiro-Ministro Dr. Mário Soares, de integração na Comunidade Económica Europeia, Portugal é desde 1 de janeiro de 1986 membro de pleno direito dessa comunidade, hoje União Europeia, constituída por vinte e sete países. -----

Portugal integra ainda a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa, constituída pelo Brasil e pelos nove estados soberanos e independentes, Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Timor, antigas colónias portuguesas, cumprindo-se assim o D da Descolonização do programa do Movimento das Forças Armadas, em que são predominantes entre os seus povos os laços culturais, linguísticos e de amizade, hoje claramente reconhecidos pela comunidade internacional. -----

Em suma, Portugal e os portugueses têm motivos para se orgulhar do feito históricos dos Capitães de Abril, que com coragem e determinação nos resgatou da ditadura fascista e lançou as sementes da liberdade e da democracia. -----

É reconhecido que o povo português ao longo destes cinquenta anos, num percurso como já referi feito certamente de avanços e recuos, como é próprio das democracias, porque estão sempre inacabadas, tão bem soube acarinhar e preservar os valores da liberdade. Liberdade, dizia Mário Soares, é como uma flor delicada que deve ser cuidadosamente protegida contra as agressões que a espreitam a todo o momento. Para tal, devemos manter a memória desse passado obscurantista das prisões e dos abusos dos que foram vítimas da ditadura e estarmos vigilantes para que esse passado não regresse pelo seu cortejo de sofrimento, frustração e violência. -----

Nesta época atribulada em que vivemos, com guerras a proliferar na Europa e no Médio Oriente, saibamos ter a capacidade e a inteligência política de consolidar e aprofundar a democracia e a liberdade, só possível com o desenvolvimento e reforço de uma cultura democrática, criando dinâmicas de forte participação dos cidadãos na sociedade no contexto socioeconómico,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

político e cultural, como está formalmente consagrado no artigo cento e nove da Constituição da República Portuguesa que claramente refere: *“a participação direta e ativa de homens e mulheres na vida política constitui condição e instrumento fundamental de consolidação do sistema democrático, devendo a lei promover a igualdade do exercício dos direitos cívicos e políticos e a não discriminação em função do sexo no acesso a cargos públicos e políticos”*.

Usemos então a nossa capacidade criativa, reforcemos o nosso compromisso com os ideais de Abril, com o nosso precioso contributo na defesa e no fortalecimento e consolidação da nossa democracia e liberdade, com mais democracia participativa e mais democracia direta, a par da democracia representativa, para que esta flor delicada se multiplique no coração dos portugueses, para que se continue a cumprir Abril. -----

VIVA O 25 DE ABRIL, VIVA PORTUGAL. -----

Idalino Sabido José

Dissertação da representante da CDU, **Ana Isa Plácido Correia** -----
Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal, Exmos. Senhores e Senhores membros da Assembleia Municipal, Exmos. Senhores Vereadores e Exma. Senhora Vereadora, Exmos. Senhores Presidentes da Junta de Freguesia de Sines e de Porto Covo, Exmos. Senhores e Senhoras representantes das entidades aqui presentes, estimadas e estimados munícipes. -----

Aqui nos juntamos para comemorar os cinquenta anos da revolução. Um dos momentos mais altos da vida e da história do povo português e de Portugal. -----

Foi no 25 de Abril de 1974 que o povo português emergiu de um dos mais negros períodos da sua história. Um longo período imposto por uma criminoso ditadura fascista. Um período marcado pela repressão e violência brutais, prisões, liberdades individuais e coletivas juguladas, pelo atraso económico, social, cultural, civilizacional, pelo analfabetismo, pela emigração em massa, agravadas desigualdades sociais, a discriminação legal das mulheres, pela guerra, pela alta corrupção e pelo isolamento internacional, em contraste com a fortuna e opulência de uma pequena minoria. -----

Aqui estamos neste momento muito especial, o período mais alto e significativo das comemorações do cinquentenário a celebrar com júbilo a Revolução de Abril. Revolução que é uma afirmação de liberdade, emancipação social, soberania e independência nacional.



Edum .
18

21

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

Revolução cujas realizações, valores e ideais não só permanecem na memória e no coração do povo português que ama a liberdade, a justiça e o progresso para todos e não apenas para alguns, como são um guia para a ação na construção de um Portugal mais fraterno e solidário, mais livre, democrático e desenvolvido. -----

Ao comemorarmos a Revolução do 25 de Abril não esquecemos e celebramos o ato generoso e valoroso dos Capitães de Abril, que nessa inolvidável madrugada abriu a porta à liberdade e à democracia e que aqui hoje renovamos o nosso apreço e gratidão. -----

Celebramos o esforço heroico da resistência antifascista, a abnegada dedicação à luta pela democracia e liberdade de comunistas e de outros democratas, a intensa luta de massas dos trabalhadores, dos intelectuais, da juventude, do povo. -----

Celebramos o amplo e vigoroso levantamento popular que irrompeu nessa manhã de Abril, que transformou levantamento militar libertador do MFA em revolução, numa verdadeira revolução emancipadora assumida pelo povo, pela classe operária, pelos trabalhadores, pelos intelectuais, por amplas camadas anti-monopolistas da cidade e dos campos, que com a sua ação conduziram a profundas transformações económicas, sociais, políticas, civilizacionais, que traduziram em grandes conquistas dos trabalhadores e do povo. Grandes conquistas com reflexos em todas as áreas da nossa vida coletiva. -----

Revolução que instaurou as liberdades e a democracia, o direito de associação, de manifestação, de constituição de partidos políticos, de sufrágio universal e direto, a liberdade sindical, o direito à greve, à contratação e negociação coletiva. Promoveu a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e do povo, institucionalizando o salário mínimo nacional, o aumento dos salários reais, das reformas, das pensões mínimas, entre muitas outras medidas na área laboral. A criação do Serviço Nacional de Saúde geral e gratuito, alargamento e melhoria da segurança social, o direito ao ensino e à educação com promoção de grandes avanços no seu acesso. -----

Revolução que conduziu à liquidação do capitalismo monopolista de estado, sustentáculo do regime fascista, pondo fim ao domínio dos monopólios com a sua nacionalização dos setores chaves da economia nacional e a democratização do uso da terra da zona latifúndio com a realização da reforma agrária. -----

Revolução que construiu o poder local democrático e a autonomia regional. Esse poder local que expressa e assegura o direito do povo de decidir sobre os problemas das suas terras e o seu desenvolvimento. -----



Phum. B
A

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

Revolução que pôs fim às guerras coloniais e ao isolamento internacional do país, com o estabelecimento de relações diplomáticas com todo o mundo. -----

Conquistas, algumas das quais foram destruídas e amputadas. Outras permanecem graças à ação e determinação dos trabalhadores e do povo que as têm defendido numa prolongada luta de anos, enfrentando poderosos interesses, incluindo os que nunca se conformaram com o novo tempo emancipador e libertador de Abril. Conquistas que são essenciais para a vida do povo nos nossos dias e ponto de partida para novos avanços e por isso as continuamos a defender traçando armas contra os que querem levar mais longe a sua destruição, mas também contra a mentira, contra a falsidade de uma reescrita da história que desvaloriza Abril, dos seus construtores e contra aqueles que querem enclausurar Abril e os seus nobres valores no baú do esquecimento. Esses valores de liberdade que são de Abril pertencem ao povo e ao indivíduo. Os valores da emancipação social, os valores da natureza do estado concebido para responder aos interesses e necessidades do povo e do país em oposição à conceção do estado como instrumento de exploração a favor de uma minoria de grupos económicos. Os valores do desenvolvimento, visando a melhoria da qualidade do nível de vida dos portugueses, o pleno emprego, uma justa e equilibrada repartição da riqueza nacional. Os valores da dignificação e valorização do trabalho e dos trabalhadores e dos direitos sociais, universais, como a saúde, da educação, a proteção social e a cultura. Os valores da paz, da independência como espaço da nossa liberdade e da identidade e soberania. Os valores que emanam das suas grandes conquistas e realizações que são também valores da participação e intervenção de todo um povo na definição e traçar no seu futuro. Valores que são património, realização e inspiração para a ação dos que aqui justamente aspiram por uma vida e uma sociedade mais justa. Valores que se reconhecem na Constituição da República aprovada em dia 2 de abril de 1976 e na democracia que ela projeta, onde são inseparáveis e complementares as dimensões política, económica, social e cultural. -----

No trajeto das cinco décadas que nos separam do período revolucionário, os inimigos de Abril ligados aos grandes interesses económicos e os que ao contrário do que proclamavam nunca assumiram efetivamente o seu projeto libertador e emancipador, construíram e montaram em função da conjuntura as mais incendiosas operações para cobrir os seus objetivos, mutilação e subversão das suas conquistas. -----

Não se tratou apenas das cíclicas operações que visavam branquear a natureza terrorista da



Edm
A
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

ditadura fascista e que ainda hoje permanecem ou para culpar e diabolizar quem condenou ou defendia a revolução e com isso encobrir a sua própria ação conspiradora e contrarrevolucionária para travar e derrotar Abril. -----

Nas suas operações contra Abril estão as recorrentes tentativas de secundarizar e diminuir o 25 de Abril como a data inicial fundadora do regime democrático. Estão em função do seu objetivo de recuperação os privilégios perdidos, quer a criminalização das principais conquistas da revolução, quer o diminuir da importância das mudanças positivas que o processo revolucionário de Abril produziu no país e dar fundamento e justificação ofensiva da política de direita, de retrocesso social e de recuperação monopolista. -----

Esta política privatizadora dos recursos e bens públicos essenciais e decisivos para garantir um projeto soberano de desenvolvimento com elevados níveis de vida para os trabalhadores e para o povo, têm tido consequências. Consequências bem expressas em problemas que se prolongam no tempo e hoje subsistem baixos salários, baixas reformas, empobrecimento de largas camadas da população, precariedade laboral, exploração e desigualdades sociais. -----

Não é Abril que pode ser responsabilizado pelas dificuldades existentes, pelos problemas que o povo enfrenta, mas sim quem governou ao arrepio dos seus valores, destruindo conquistas, fechando muitas portas que Abril abriu, as portas do desenvolvimento e do progresso com a justiça social. -----

Hoje a campanha de depreciação de Abril aproveita este tempo do cinquentenário, não só para repisar as linhas contra Abril que vêm do passado, mas para ir mais longe na sua desvalorização, com o projeto capaz de dar vida ao presente e arquitetar e construir o futuro. -----

Falam-nos neste tempo de comemoração, necessidade de abrir um novo ciclo com novas ambições, dando como findo o ciclo de Abril. Querem fazer crer que Abril é coisa do passado, para colocar imóvel num canto da história. -----

Os que assim falam, o que objetivamente visam é absolver uma desastrosa política que se afirmou contra Abril, fazer tábua rasa de anos de política de direita executada ao arrepio de Abril e dos seus valores e dá-lo como definitivamente derrotado, como sempre foi o seu desejo. Ao contrário do que pretendem, o que se impõe neste tempo de comemoração é a imperiosa necessidade de pôr fim a um ciclo de ofensiva contra Abril, para dar resposta. isso sim, com outra ambição aos problemas do povo e do país. -----

Também um revanchismo revolucionário e fascizante que tem no Chega o seu exemplo mais



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

visível, passou a falar grosso neste tempo de comemoração em nome de quem não lhes deu procuração. Tomam-se como senhores do país e sobranceiros já decretam que o povo não quer saber do 25 de Abril nem de comemorações. Pretendem transformar os seus desejos em realidade. Querem no fundo, fazer o que sempre têm feito as forças mais reacionárias, culpar Abril e relevar a política de ruína nacional que eles próprios são protagonistas e que agora querem aprofundar para servir os mesmos interesses de que têm governado o país ao arrepio de Abril, os grandes grupos económicos, estes grandes interesses que alimentam o seu projeto para o seu próprio proveito. -----

A grande força de Abril com fortes raízes no povo português não deixará passar a arrogância dos apologistas do passado e estará na rua por todo o país a reafirmar que Abril vive e viverá, a afirmar que Abril é mais futuro. Estará no país a assinalar o seu sentido transformador e revolucionário nos mais diversos domínios da nossa vida coletiva. Estará por todo o país a confirmar que o seu apego aos ideais de liberdade, justiça, progresso social, soberania nacional e paz permanecem vivos na memória e na vontade dos portugueses. Estará por todo o país a defender que Abril exige a concretização de uma política alternativa em rutura com a política de direita e veiculada aos seus elevados valores. -----

Nós temos a firme convicção que o generoso projeto de Abril e os seus valores acabarão por se revelar como uma necessidade objetiva na concretização de um Portugal fraterno e de progresso e tomando parte nesse combate como partido de Abril que somos, continuamos empenhados.

VIVA O 25 DE ABRIL. -----

Ana Isa Plácido Correia-----

Dissertação do representante do MAISines, **Gonçalo José Teixeira Pimenta Maldonado Naves** -----

Muito bom dia a todos, é bom ver uma sala cheia, não tem sido hábito, mas acho que a data justifica estas mais de cem pessoas que aqui estão. Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Sines, em si cumprimentando a mesa, Senhor Presidente da Câmara, em si cumprimentando os colegas vereadores e vereadora, Senhoras e Senhores deputados municipais, demais entidades civis e militares presentes, Sineenses e Portocovenses, uma palavra especial aos ex-autarcas que aqui estão, em concreto o ex-Presidente da Câmara Francisco do Ó Pacheco e o ex-Presidente da Câmara Manuel Coelho, que hoje não pode estar.



Elm
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

Comemora-se hoje o quinquagésimo aniversário da longa viagem da liberdade. Este momento convoca-nos uma encruzilhada de memórias e emoções vividas na primeira pessoa, ou transmitidas entre gerações por aqueles que foram os atores fundamentais da mudança, temperadas pela expectativa de que um 25 de Abril sem esperança é, ou seria, uma contradição nos termos. -----

Há precisamente vinte anos, na sessão evocativa do trigésimo aniversário da revolução, Manuel Alegre notou que o 25 de Abril de 1974, foi um daqueles raros dias na vida de um povo em que o futuro está aberto à sua frente, indeterminado e moldável, podendo assumir as diferentes direções que o engenho dos envolvidos e a sorte do acaso permitir. -----

Cinquenta anos são tanto tempo quanto o que nele deixámos. Nestes cinquenta anos, os nossos, assistimos a uma alteração profunda do contexto político, económico e social português, europeu e mundial. O povo metamorfoseou-se, venceu por vezes, quase sempre sofreu, mas sobretudo resistiu. Têm sido para nós cinquenta anos principalmente de resistência. Nós, vivendo os dias uns a seguir aos outros, nem sempre reparamos nas transformações que eles movem, mas ainda assim temos a sensação de que quase tudo o que é possível à vida de um povo aconteceu nestas cinco décadas. -----

Olhemos então brevemente para trás. A entrada de Portugal na União Europeia em 86 e logo de seguida a queda do muro de Berlim em 89, foram importantes marcos nos anos oitenta, marcados inabalavelmente pela integração internacional de Portugal na Europa, o tal sonho que Francisco Lucas Pires tinha sonhado logo em 1974 e que melhorou irremediavelmente a vida de quem o destino cruzou com Portugal. -----

Depois, com o desabrochar do novo milénio, não diminuiu a intensidade de Portugal a fazer-se na Europa e no mundo. Em poucos anos, pequena fração do tempo humano, testemunhámos vários eventos, por um lado determinantes e por outro simbolicamente memoráveis para quem se fascina com tudo aquilo que cabe dentro de um país. A resolução do problema de Timor, a adesão de Portugal ao euro, ou os ataques do 11 de setembro ao coração do ocidente. Momento a partir do qual a investida daquelas imagens desfeitas fez-nos trocar provavelmente até ao fim dos nossos tempos uma parcela da nossa liberdade por mais alguma segurança. -----

Daí em frente fomos ora participantes, ora cobaias de uma nova metamorfose do mundo, através da globalização, do acesso massificado à internet e da construção de outros universos digitais. numa corrida vertiginosa em direção a um desconhecido que perseguimos. -----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

A sede de viver de forma veloz levaria irremediavelmente ao choque e foi nesse frenesim que a crise bancária de 2009 despoletou depois a grave crise financeira e social em Portugal, de que só com o sangue e com o martírio dos trabalhadores foi possível sairmos, mas como talvez devêssemos antever, o alívio durou pouco. Logo depois entrámos na vertiginosa e previsível crise pandémica e quando finalmente parecíamos derrotar essas novas pedras que o nosso destino não tão bondoso quanto esperávamos e como desejávamos nos colocava, eis que nos confrontamos com um novo castigo social em forma de renovada crise. Talvez a palavra que melhor resume a nossa história, desta vez uma crise inflacionista e económica. E agora à medida que vamos vencendo devagarinho e em pezzinhos de lã mais esta provação em silêncio para que o artífice do destino não oiça este nosso novo alívio, perguntamos porque afinal tem sido esta a nossa vida para que outros difíceis destinos é que estaremos então destinados. Contudo, não há dúvida que foi de todo este sofrimento dos homens e das mulheres do antigamente que temos hoje algo de que nos orgulharam. Portugal tem hoje um Serviço Nacional de Saúde em que a ninguém é questionado à entrada que rendimentos auferir ou de que nobreza faz parte e qualquer nacional ou residente, nos nossos hospitais públicos tem acesso aos mesmos tratamentos, nada mais contando que essa importante inalienável condição de ser humano, sobreponível a todas as outras. Temos um sistema público da educação em que sem prejuízo dos sacrifícios que são feitos, qualquer aluno de qualquer classe social pode receber ensinamentos dos mesmos professores especializados em salas em que as carteiras são da mesma altura para os ricos e para os pobres, e em que não há ou não deve haver qualquer distinção além da do mérito. Temos uma constituição que protege severamente a liberdade de imprensa e a participação pública. Hoje qualquer cidadão português, independentemente do seu posicionamento ideológico, pode de forma livre associar-se a qualquer força política e envolver-se na luta por aquilo que entende ser o bem comum, sem nada ter de justificar, nem a ninguém, se não o entender fazer. -----

Temos um direito moderno, institucionalista, que honra a tradição romano-germânica e que rejeita liminarmente soluções desajustadas como a prisão perpétua ou a aberração que é a pena de morte. Temos acesso ao desporto, acesso à cultura e a proteções temporárias ou prolongadas em caso de invalidez ou de incapacidade. -----

Os homens podem falar livremente, para nada importando se fazem parte do poder ou se fazem parte da oposição, e as mulheres não dependem dos maridos para coisa alguma ou para viverem a vida que queiram, profissional, académica, política, doméstica, ou qualquer outra que



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

entendam ser aquela que procuram. Estamos integrados nas mais importantes organizações do mundo moderno, como a ONU e como a NATO e sabemos já que o futuro nos lembrará mais frequentemente do que desejamos, como foi positiva e inteligente esta integração. E talvez uma das maiores conquistas de Abril tenha sido a do poder local, independente, com real legitimidade para decidir a vida de quem o elegeu e, portanto, aproveito para enviar aqui uma palavra de especial consideração às dezenas ou talvez centenas de autarcas que desde 1976 têm construído o poder local de Sines, sobretudo àqueles que hoje estão dentro da sala e para quem peço uma salva de palmas, mas e há sempre um mas, apesar do desenvolvimento das últimas décadas, sabemos todos que esperávamos outra vida, outra esperança, outro presente. -----

A geração de que faço parte, a dos anos noventa, é a primeira na história recente do nosso povo em que muitos de nós correm o risco de não viver melhor do que os nossos pais viveram. Regredimos neste aspeto, porque noutros passados independentemente do lugar de nascimento em que o oráculo do acaso nos tinha colocado, havia essa fina esperança, essa fina consciência interna de que o sacrifício, o trabalho duro e a capacidade onde quer que fosse, do Minho ao Algarve, nos daria uma casa e os meios para a sustentar, para comermos, para estudarmos e para fazermos da vida mais do que um suplício que se arrasta quase interminavelmente. Não é isso que vivemos e o nosso povo todo sabe envergonhadamente que o caminho de esperança que se abriu à nossa frente nos primeiros anos de Abril e de democracia prometia, exigia um futuro distinto, mas a realidade é que os últimos trinta anos de política portuguesa não conseguimos estar à altura e honrar na medida necessária aqueles que fundaram a democracia. Falhámos na saúde. Hoje um médico, por muito especialista em que se tenha tornado nas nossas universidades públicas, não tem condições para exercer e para tratar num tempo certo todos aqueles que precisam dos seus cuidados. -----

Falhámos também na habitação e falhámos com as novas gerações. O preço das casas, o subdesenvolvimento do país e a contração dos salários são convites mascarados à emigração. Trinta por cento dos jovens nascidos em Portugal e que hoje têm entre quinze e trinta e nove anos deixaram o país e sabemos que muitos deles, além de se terem ido embora, provavelmente desistiram de Portugal. São oitocentos e cinquenta mil jovens que significariam certamente o cúmulo da nossa força de trabalho e cuja saída tem efeitos irrecuperáveis, projetando inadiavelmente o país para a cauda da Europa, quando nós sabemos que não é esse o nosso lugar e que no futuro queremos estar num sítio diferente. E além da saúde, da educação, da



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

habitação e dos salários, adiámos também a justiça, já que na encruzilhada de confronto entre a ação penal e o poder político, assistimos em tempo real a cidadãos detidos durante vários dias sem nenhum desenlace ser espremido dessa restrição à liberdade. Contudo, os políticos não podem ter medo, porque um político sem coragem é um burocrata e Portugal precisa de políticos e não de burocratas. Os políticos devem dar à justiça os meios necessários para que a ação penal e judicial possa agir como uma flecha rápida e certa, condenando eficazmente quem prevaricou e não prejudicando a vida dos que provavelmente se comportaram de acordo com a lei. Mas hoje apesar de tudo isto, sabemos também que esta vida que esperamos longa no país e na nossa relação com ele, ainda não nos remeteu certamente para derrotas definitivas. Se falhámos, não foi irremediavelmente, e se temos vida teremos também um lugar breve para corrigirmos o futuro. Contudo, falhar agora terá uma gravidade distinta do que teve falhar no passado. Falhar agora equivalerá certamente a entregar o poder a grupos que instrumentalizam os descrentes na política para lhes proporem soluções, muitas vezes sem substância ou fundamento. E aproveito o 25 de Abril para dizer que fico muito feliz em ter uma função política tradicional e não tenho dúvidas de que quem nos pode salvar são, não só mas também, os bons políticos, homens e mulheres mais normais do que geniais, mas que estejam disponíveis a entregar a vida a isto que ainda não somos, mas que queremos vir a ser. -----

Senhoras e senhores, Sineenses, para terminar, recupero a pergunta que procurei deixar pendente na sala no início. Para que outros difíceis destinos é que estaremos ainda destinados? Para mim este é um outro e novo momento, em que o futuro do nosso povo está em aberto, rasgado à nossa frente e à espera que juntemos as peças para um futuro melhor. Eu acredito que daqui a cinquenta anos quando alguns de nós ainda jovens hoje, estivermos aqui novamente a celebrar o centenário da revolução possamos dizer nesse momento, aliviados, que da mesma forma que os nossos pais e avós acertaram lá atrás no seu tempo, naquele longínquo 1974, nós acertámos e vencemos também as lutas que tínhamos de vencer e acredito que a partir desse momento o nosso alívio se torne em mais do que temporário e possamos então viver uma vida e um país melhores como merecemos. -----

Senhoras e senhores, na história dos homens e das mulheres há frases que resumem esta nossa esperança inexplicável que talvez nem sequer exista, mas que podemos assegurar que a vemos à nossa frente. -----

Hoje termino com Miguel Torga que tinha a clareza no seu tempo de que falava para todos os



Handwritten signatures and initials in blue ink.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

tempos e que respondeu a esta aberta e eterna dúvida chamada Portugal, “*agora ou nunca, meu refrão antigo o destino destina, mas o resto é comigo*”. Muito obrigado a todos.

VIVA O 25 DE ABRIL, VIVA SINES, VIVA PORTUGAL. -----

Gonçalo José Teixeira Pimenta Maldonado Naves-----

Dissertação do representante do PS, **Ricardo Ferreira de Brito** -----

Antes de mais, bom dia a todos. -----

Exmo. Presidente da Assembleia Municipal, Exmo. Presidente da Câmara Municipal e Senhores Vereadores, Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia de Sines e Porto Covo e demais autarcas, caros colegas membros da Assembleia Municipal, caríssimos ex-presidentes da Câmara Municipal e Assembleia Municipal, caros trabalhadores do município, caras e caros convidados, Sineenses e Portocovensens. -----

“Foram dias, foram anos a esperar por um só dia. Alegrias, desenganos, foi o tempo que doía. Com seus riscos e seus danos, foi a noite e foi o dia, na esperança de um só dia”. -----

Esse dia de que nos fala Manuel Alegre, faz hoje cinquenta anos. O dia que pôs fim ao período mais negro da nossa história recente e que honrou os milhares de portugueses que resistiram e lutaram contra a opressão do Estado Novo. -----

Se hoje aqui estamos a celebrar o cinquentenário da revolução libertadora de Abril, a muitos cidadãos o devemos. Aos resistentes republicanos e democratas, aos inabaláveis antifascistas, aos estudantes inconformados, aos jovens mobilizados para a injusta guerra colonial, aos perseguidos e assassinados pela polícia política, aos condenados à clandestinidade como Américo Leal e aos sujeitos à prisão sumária como o ex-autarca Manuel Coelho. Mas a madrugada que os esperava, nas palavras eternas de Sophia de Mello Breyner, deve-se à ação decisiva, corajosa e libertadora do Movimento das Forças Armadas. Toda e qualquer homenagem que façamos aos Capitães de Abril será sempre insuficiente. -----

Este dia que nos libertou, convencionámos chamar de Dia da Liberdade, mas o que é a liberdade? Essa liberdade pela qual tantos lutaram, muitos sem nunca a terem antes experimentado e outros tantos sem nunca a terem chegado a conhecer. A liberdade que depois foi disputada nas ruas, nas praças, nos quartéis e no debate político. Num processo revolucionário conturbado como todos, feito de avanços e recuos, porque em cada revolucionário havia uma ideia diferente de liberdade. Um processo encerrado com as primeiras



Am...
N
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

eleições livres e pela aprovação da constituição em 1976, que estabeleceu a democracia que hoje conhecemos e que consagrou o nosso projeto de país e de liberdade. A liberdade é provavelmente um dos conceitos políticos mais disputados da história. Isaiah Berlin diz-nos que existem dois conceitos de liberdade. A liberdade negativa, em que se é livre de algo, de algo ou de alguém que nos limita as liberdades, e a liberdade positiva, em que se é livre para, sendo necessário que tenhamos os recursos e as condições para nos autorrealizarmos. -----

Na revolução, desmantelado o aparelho repressivo do Estado Novo, consagramos liberdades individuais e coletivas. A liberdade de expressão, a liberdade de reunião e associação, a liberdade de ir e vir e o direito à resistência, a igualdade perante a lei, independentemente de quem somos, de onde vimos, do nosso tom de pele ou de quem amamos. A liberdade da mulher que deixou de ser propriedade do marido ou do pai, a liberdade sindical e o direito à greve, o sufrágio universal e a liberdade de organização política, a liberdade de nos fazermos representar politicamente em todas as instâncias de poder, a concretização da liberdade no poder local democrático que permitiu às populações tomar conta dos seus destinos dos territórios e que no nosso concelho assumiu particular relevância face a um gabinete da área de Sines autoritário e prepotente. Mas o projeto de liberdade que o país escolheu não ficou por aqui, pelas liberdades negativas de Berlin, porque como canta Sérgio Godinho *“só há liberdade a sério quando houver a paz, o pão, habitação, saúde, educação, a tal liberdade para ser”*. -----

A Revolução de Abril trouxe-nos a maior construção coletiva que fomos capazes de erguer, o nosso estado social. O país escolheu um projeto de liberdade em que os problemas de uns são os problemas de todos. Um projeto que reconhece que viver em sociedade é viver em comunidade, que contrapõe à responsabilidade individual, a responsabilidade recíproca e que se alicerça no valor basilar da solidariedade. -----

Com um Serviço Nacional de Saúde de acesso universal, que não nega cuidados a ninguém, independentemente da sua origem social ou do sítio de onde vem. -----

Com uma escola pública onde filhos de trabalhadores e filhos de empresários têm acesso à mesma formação de qualidade e com uma rede de segurança social que nos protege a todos nos momentos de maior aflição e que garante proteção social na velhice. -----

Foi este estado social forte construído por todos os cidadãos e para o qual todos contribuímos em função da nossa capacidade, que fez Portugal avançar de forma notável em todos os indicadores de desenvolvimento humano e que assegurou aos portugueses a liberdade para ser,



Handwritten signature and initials in blue ink.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

a liberdade de uma vida digna e autorrealizada. -----

Dos indicadores da saúde aos índices de escolaridade, em pouco tempo Portugal abandonou o país sombrio do atraso e da pobreza extrema e transformou-se num país desenvolvido, próspero e europeu. Mas falar de Abril não pode ser apenas falar de passado, nenhum país vive de passado. -----

O 25 de Abril não pode ser um cravo esquecido na lapela, uma mão cheia de declarações antifascistas ou um punhado de palavras repetidas sem qualquer tradução na vida real das pessoas. -----

Falar de Abril tem de significar falar de presente e de futuro, porque o projeto de democracia e de liberdade que a revolução nos trouxe, é um projeto inacabado e em permanente renovação. E porque a nossa democracia não só não está garantida, como vive um momento de maior risco à sua existência desde o período pós-revolucionário. -----

Talvez por muitos de nós nunca termos vivido sem todas estas conquistas, as tomemos por garantidas, mas não são. A melhor forma de homenagear todos os que lutaram e construíram um maior período de democracia e liberdade da nossa história coletiva, é precisamente continuar a defender e construir um país livre, justo e democrático. -----

Cinquenta anos depois os discursos de ódio populistas e reacionários voltaram ao espaço público e mediático. Corporizados por movimentos políticos mais ou menos inorgânicos e liderados por novos autoritários mais ou menos competentes e com mais ou menos pudor. ----

A democracia é diariamente atacada e conspurcada, num permanente espetáculo de demagogia que cavalga todos os problemas estruturais do país, sem apresentar uma única solução para os resolver. -----

A agenda real é a de sempre. A degradação das instituições democráticas, o retrocesso nos mais consensuais direitos humanos e a representação dos interesses de alguns grupos económicos. - Preservar a nossa liberdade é não baixar a guarda e ser intransigente na defesa de direitos, liberdades e garantias. É defender e praticar o debate leal e sério sem ceder à demagogia e ao aproveitamento político. É aprofundar a democracia, a aproximação das instituições ao cidadão e a transparência na ação política. É defender uma justiça autónoma e independente, mas também célere e responsabilizável. É defender um poder local reforçado na sua autonomia e recursos, um poder local que sempre deu respostas aos problemas mais imediatos das comunidades e que provou ter capacidade e massa crítica na descentralização, abrindo caminho



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

para a tão necessária regionalização. Não é por acaso que o populismo ataca instrumentos como o IMI. É porque sabe que neles residem a pouca autonomia financeira deste poder onde a democracia se expressa na forma mais palpável e próxima dos cidadãos. Por outro lado, cinquenta anos depois, também o discurso hiperindividualista prolifera no espaço político e mediático e propõe subverter os princípios sobre os quais organizámos a nossa sociedade. Uma visão centrada em torno de um suposto mérito individual que substitui a cooperação pela competição permanente e que produz uma sociedade de poucos vencedores e de muitos vencidos. Um discurso que diz à geração mais qualificada de sempre que o que separa um jovem na flor do seu potencial e capacidade de uma vida de sucesso são os impostos e não a precariedade e os baixos salários. Um discurso que se esquece também de dizer a estes jovens cuja esmagadora maioria pertence, como eu, à primeira geração das suas famílias a tirar um curso superior, que são, na verdade, produto do esforço de todas as gerações que construíram um ensino superior público e uma escola pública, que hoje nos garante oportunidades com as quais os nossos pais e avós nunca puderam sonhar. -----

Preservar a nossa liberdade é por isso também defender um estado social forte e aprofundado, que seja inovador nas respostas sociais aos problemas de hoje, como o acesso à habitação, o combate à precariedade e à desigualdade cada vez mais vincada, mas que seja também mais eficaz nas respostas existentes, na qualidade dos serviços prestados e no combate à pobreza que ainda persiste. Precisamos, sim, de um estado que nos proteja na infância, na vida adulta e na velhice, mas precisamos também de um estado que garanta a justa emancipação dos jovens. O estado social foi o mesmo e continuará a ser o maior instrumento de prosperidade e de melhoria das condições de vida dos portugueses, um garante da nossa liberdade a par da democracia política. -----

Senhor Presidente, senhoras e senhores, tenham orgulho de pertencer a um povo que há cinco décadas invadiu as ruas de esperança e agarrou o futuro com as próprias mãos. -----

Foram muitos os que nas ruas, nas universidades, nos hospitais, nos locais de trabalho e nos quartéis fizeram acontecer a democracia. A melhor forma de honrar estes democratas que resistiram, lutaram e construíram a minha e a nossa liberdade é nunca desistir dela. É estabelecer um compromisso incondicional com este legado, sem ceder um milímetro aos novos e futuros autoritários. É gritar a frase que Jorge Sampaio eternizou, “25 de Abril sempre”, a frase que hoje, cinquenta anos depois, milhares de democratas com menos atenção mediática que os



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

novos autoritários vão gritar nas ruas, na Avenida da Liberdade, na Avenida dos Aliados, em centenas de sessões solenes e celebrações populares. É por todos eles democratas que vale a pena continuar este grande projeto coletivo chamado 25 de Abril. E é a todos eles que dedico, se me permitirem a ousadia, os versos que Sophia de Mello Breyner dedicou aos militantes do Partido Socialista. *“Tu avanças sempre e não recuas quando se ergue a hora da ameaça, mesmo que tenhas de morrer nas ruas, mesmo que tenhas de morrer na praça. Porque não estás só, mas continuas, todos os que lutam e lutaram para que não haja grades nem mordação. Porque não estás só, mas continuas, e os outros unem suas mãos às tuas para que um mundo mais justo e livre nasça. Por isso avanças sempre e não recuas, connosco a poesia está nas ruas”.*

VIVA O 25 DE ABRIL, VIVA A LIBERDADE, VIVA SINES E VIVA PORTO COVO.

Obrigado.

Ricardo Ferreira de Brito-----

Dissertação do Presidente da Câmara Municipal de Sines, **Nuno José Gonçalves Mascarenhas**. -----

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Senhora Vereadora e Senhores Vereadores, Exmos. Senhores membros da Assembleia Municipal, Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia e Assembleias de Freguesia de Sines e Porto Covo, Senhoras e Senhores membros das Assembleias de Freguesia, um cumprimento também especial às autoridades militares aqui presentes, Senhoras e Senhores representantes do movimento associativo, dirigentes públicos e representantes da sociedade civil, caros ex-presidentes de Câmara, Assembleia Municipal e Juntas de Freguesia aqui presentes, é uma honra contar com a vossa presença, caros e caras Sineenses. -----

Comemoramos hoje o quinquagésimo aniversário daquela que é a mais importante data da história contemporânea portuguesa. -----

Quero neste momento dirigir uma saudação muito especial aos Capitães de Abril, que na madrugada de 24 de Abril de 1974 abandonaram os quartéis e rumaram a Lisboa para fazer cair uma das mais longas ditaduras europeias, responsável por mergulhar Portugal em quarenta e oito anos obscuros de perseguições e de subtração de liberdades individuais tão básicas como a liberdade de expressão, ou a liberdade de imprensa, pondo assim fim a uma guerra cuja solução militar já não era aceitável para ninguém. -----



Quem
d
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

Quero igualmente evocar todos aqueles que ao longo destes quarenta e oito longos anos de ditadura souberam sempre de que lado queriam estar. Aqueles que foram presos, torturados e que resistiram heroicamente, que conspiraram, que alimentaram estruturas clandestinas da oposição, que arriscaram a sua liberdade e a sua vida. Quero evocar os milhares que se exilaram para fugir à guerra, para fugir à polícia política, ou aqueles que simplesmente deixaram para trás tudo o que tinham, muitas vezes apenas a família e os amigos, para a partir de outras paragens poderem combater o regime na oposição. Quero também evocar todos os que tiveram coragem de mergulhar na clandestinidade e nessa clandestinidade viveram vidas ainda mais duras do que as que viveriam se não tivessem o feito, mas que ainda assim acreditaram na sua missão de lutar contra o fim de um regime repressivo, socialmente insensível e politicamente desacreditado. Não vou citar nomes, mas todos sabemos que a resistência se fez no campo, se fez nas embarcações dos pescadores, se fez nos cafés, se fez nas barbearias, nas coletividades, nos clubes, mas fez-se também na cultura. -----

A resistência deu-nos da melhor literatura e da melhor poesia do século XX. Deu-nos da melhor música, deu-nos excelente teatro e magníficos artistas plásticos. A resistência foi em muitos casos a alavanca para a criação, porque a produção cultural foi muitas vezes uma forma de ludibriar uma censura de que tão fiel a seu chefe era incapaz de interpretar além da letra, incapaz de entender a criatividade, incompetente na perceção do que se dizia sem dizer e se revelava sem mostrar. Mas estes quarenta e oito anos de obscurantismo a que o regime de Salazar e Caetano votou um país pobre e periférico como Portugal, não são isentos de consequências mais profundas e possivelmente culturais. Por isso mesmo temos que continuar atentos e vigilantes. -----

O que se passou há cinquenta anos, representou profundas transformações sociais, económicas, territoriais no modo como individual e coletivamente nos organizámos. Nesse período Sines já vivia momentos de grande transformação com enorme descontentamento da população, não apenas pelo contexto específico de se viver em ditadura, não apenas pelo facto dos jovens olharem para o futuro e ele ter interregno incógnito de premeio, que era o risco de se ser mobilizado para a guerra, mas porque a construção do porto e do complexo industrial tinham como ator principal o gabinete da área de Sines. -----

Se revisitarmos os documentos da época, talvez possamos concluir que em Sines se viviam duas ditaduras. A ditadura do estado novo, que prometia uma primavera Marcelista que nunca passou



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

de um outono em que o sol se mostrou a espaços e com fraquíssima convicção e a ditadura de um organismo do estado, o gabinete da área de Sines, que respondia diretamente ao Presidente do Conselho de Ministros. O gabinete da área de Sines foi durante anos olhado pelas populações como uma ameaça. Foi ele quem corporizou as expropriações, foi quem permitiu a construção de unidades industriais sem que se tivesse acautelado as questões de natureza ambiental e de saúde pública. Foi quem manteve já depois do 25 de Abril poderes que com a instituição do poder local cabiam às populações e aos seus representantes democráticos. Todo este contexto que se mantinha há alguns anos fez com que Sines tivesse um papel sempre preponderante nos anos de democratização. Não é por acaso que António Leal e Artur Pina ambos de Sines são eleitos deputados pelo distrito de Setúbal à Assembleia Constituinte em 1975. Américo Leal regressara a Sines imediatamente a seguir ao 25 de Abril e capitalizando a estrutura clandestina de que o Partido Comunista Português dispunha, rapidamente tomou a dianteira nas mais determinantes questões políticas. -----

Ainda antes das eleições autárquicas de dezembro de 1976, realiza-se no campo de futebol, em 8 de junho de 74, uma reunião em que cerca de duas mil pessoas elegeram a comissão administrativa, sendo esta liderada por Clemente Ferreira Soares. O principal papel da comissão administrativa vai passar pela contestação ao gabinete da área de Sines. Clemente Ferreira Soares manteve-se em exercício até à realização das primeiras eleições autárquicas em democracia em 12 de dezembro de 1976. Desse ato eleitoral resultou que o primeiro Presidente eleito do município de Sines fosse Francisco do Ó Pacheco, aqui presente, o primeiro Presidente eleito da Junta de Freguesia fosse António Correia e o primeiro Presidente da Assembleia Municipal António Silva Jorge. São eles os primeiros eleitos do poder local democrático em Sines. -----

Devemos manifestar-lhes a nossa gratidão por tudo o que fizeram numa altura em que existiam poucos meios. Trabalhava-se ainda num contexto de grande instabilidade e com o mínimo de suporte legal possível. A todos eles, aos três, quero obviamente cumprimentar todos os presidentes de Câmara, presidentes de Junta e presidentes de Assembleia Municipal que muito contribuíram para estes cinquenta anos de democracia. -----

Mas esse primeiro mandato autárquico foi absolutamente determinante para que em Sines se recentrasse a atuação do estado e quando me refiro ao estado, refiro-me à administração central



Amanhã
Nd
ex

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

e às autarquias. Contudo, nunca é de mais realçar que a Câmara Municipal de Sines teve até ao 25 de Abril um papel acessório face ao poder central. -----

O gabinete da área de Sines detinha amplos poderes de intervenção no território e o cumprimento dos seus objetivos não tinha no centro das suas preocupações a população de Sines, mas antes o desenvolvimento do projeto portuário e industrial. -----

Assim, e ainda que a comissão administrativa tenha iniciado esse caminho, nomeadamente tendo conseguido que em 1975 as competências de licenciamento de obras particulares regressassem à Câmara, só após 1976 com a eleição universal dos órgãos autárquicos, a Câmara Municipal ganha legitimidade e poder para colocar o interesse geral das populações no centro das dinâmicas de desenvolvimento que o território conhecia. -----

Acredito que hoje se relativize muito o que aqui descrevo, mas estas efemérides servem justamente para isso, para não nos esquecermos que nem tudo o que temos hoje foi sempre um dado adquirido. -----

Antes do poder local democrático, abordar o Presidente de Câmara com uma queixa ou com um problema podia ser encarado como uma afronta não apenas pessoal, mas uma afronta ao regime que ele representava. É por isso que importa cada vez mais transmitir a história. Transmitir aos mais jovens que o acesso universal que têm um espaço público não existiu sempre. Que os seus avós e os seus pais cresceram numa outra realidade, num outro contexto, numa ordem em que a ordem era silenciar, silenciar sobretudo os desalinhados, aqueles que discordavam. -----

Quero igualmente recordar que a afirmação da nossa democracia conjugou um conjunto de fatores essenciais para que o nosso processo revolucionário decorresse como decorreu. Desde logo, os fundadores do sistema político, os deputados constituintes, que em apenas um ano fizeram aprovar uma Constituição da República que até hoje se mantém no essencial. Para isso, foi igualmente determinante o conjunto de personalidades que deram corpo aos principais partidos políticos do sistema democrático. Mário Soares, Francisco Sá Carneiro, Álvaro Cunhal, Diogo Freitas do Amaral. -----

Apesar daquilo que os dividia e que é absolutamente natural numa democracia europeia e num estado de direito, estes quatro homens tiveram um sentido de estado acima de qualquer suspeita. Só assim foi possível que em pouco mais de dois anos se construísse um sistema político sólido, robusto e que permitiu que Portugal recuperasse rapidamente o seu atraso em relação aos



Am. d.
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

parceiros europeus e pudessem inclusivamente assinar o tratado de adesão à Comunidade Económica Europeia apenas onze anos após a Revolução de Abril. Essa mesma União Europeia que se funda nos valores do respeito pela dignidade humana, da liberdade, da democracia, da igualdade, do estado de direitos e do respeito pelos direitos humanos, incluindo os direitos das pessoas pertencentes a minorias. -----

Minhas senhoras e meus senhores, de facto, a história recente de Portugal é um caso muito particular e é um caso muito particular, porque apesar de sermos um pequeno país no contexto europeu e ainda mais pequeno no mundo globalizado, estes últimos cinquenta anos foram de uma enorme riqueza. Mas como referi há pouco, importa que a história seja transmitida, interpretada e que dela se retirem conclusões. Aliás, é muito importante que não olhemos para as comemorações de datas como o 25 de Abril, apenas do ponto de vista revivalista. Estas comemorações são muito importantes sim, mas trazendo-as para a construção do nosso futuro. Há um ano atrás seria impensável que nas comemorações dos cinquenta anos do 25 de Abril estivessem em aberto discussões fraturantes em relação à sua herança. Bem sabíamos que no nosso sistema político geminavam forças conservadoras, reacionárias e que em muitos casos colocaram em causa princípios basilares da Constituição da República, mas não era exetável que tivéssemos por estes dias figuras de relevo do nosso sistema político a defender agendas que querem reverter direitos adquiridos, como o direito à igualdade entre homens e mulheres, o direito à autodeterminação, o direito à igualdade de género, o direito à diferença e à não discriminação. Nos últimos anos temos assistido ao crescimento destas forças um pouco por toda a Europa e por todo o mundo. -----

Durante bastante tempo fomos pensando que Portugal poderia ser imune a este crescimento. Esse foi um erro fundamental do nosso sistema democrático. Não cuidarmos de garantir pela participação e pela nossa mobilização, o que é naturalmente grave. -----

A degradação a que permitimos que chegassem algumas instituições democráticas é possivelmente a principal causa para que o nosso sistema político tenha permitido alargar-se para os extremos dos quais não temos saudades. -----

Essa degradação das instituições deu-se claramente por omissão. Não tivemos o papel pedagógico quando foi necessário, nomeadamente contrariando os discursos que simplificam os problemas contemporâneos, que são cada vez mais complexos, encerram em si cada vez mais variáveis e cujas soluções exigem intervenções multissetoriais. Permitiu-se que esses processos



Am.
18
X

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

de simplificação contaminassem o discurso político, a comunicação social e incorporassem a narrativa das próprias instituições democráticas. -----

Infelizmente entrámos num círculo vicioso no qual urge sair e sair com lições para o futuro. --

Aquilo que pensadores como José Pacheco Pereira têm chamado a nova ignorância é algo que está a contaminar a nossa ordem social. As perceções da realidade a partir do que se diz, escreve e publica nas redes sociais, a propagação de mensagens falsas e a constante necessidade de verificação de factos, a simplificação da realidade por opção ou por incapacidade de desenvolvimento de pensamento crítico estão a corroer as fundações da ordem que criámos com a democratização do país e estão a contaminar o nosso sistema político e a fragilizar as instituições democráticas. -----

Não é aceitável que ignoremos estes sintomas, sobretudo na era da informação, em que existe acesso praticamente universal, praticamente gratuito, em condições de igualdade. A luta da democracia hoje passa em grande medida por aqui, pela valorização da própria democracia, contrariando as causas daquilo que coloca em perigo e curiosamente hoje podemos fazê-lo em liberdade. -----

Caras e caros Sineenses, celebrar os cinquenta anos do 25 de Abril é celebrar toda a nossa história recente. É honrar a nossa constituição, o nosso sistema político e a democracia. Mas será que hoje estamos mais apreensivos em relação ao futuro? Certamente que sim. Existe mais incerteza, mas esse facto não nos deve fazer desmobilizar, bem pelo contrário, é agora mais do que nunca necessário que regressemos à afirmação de valores essenciais e que estão na base da nossa lei fundamental e do sistema democrático que hoje aqui celebramos. Celebrar Abril é celebrar a liberdade conquistada todos os dias. Celebrar Abril é celebrar todos aqueles quantos fizeram a nossa democracia ou da nossa democracia uma realidade. Por isso, presto aqui uma homenagem a todos os eleitos nos órgãos autarcas do concelho de Sines, a todos aqueles que deram o seu contributo ao longo destes últimos cinquenta anos. Aliás, o município irá entregar a todos eles uma medalha de reconhecimento por o seu contributo para a democracia. Mas faço igualmente um apelo a todos, vamos agarrar a nossa história para construir um futuro mais promissor para todos, com mais igualdade, mais fraternidade, mais respeito pelo outro. -----

Antes de terminar, convido-os por isso a ver um breve filme que evoca um amigo de todos nós, um poeta popular, político, antifascista e um aguerrido defensor do 25 de Abril. No poema “Avô fala-me de Abril”, o sineense José Vilhena faz exatamente este exercício de transmissão



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SINES

de memória, num diálogo com o seu neto. Um filme realizado pelo Diogo Vilhena, com a música de Miguel Pyrrait, gravado por professores da escola de artes. As palavras, obviamente, que são do José Vilhena

VIVA O 25 DE ABRIL, VIVA SINES E PORTO COVO, VIVA PORTUGAL -----

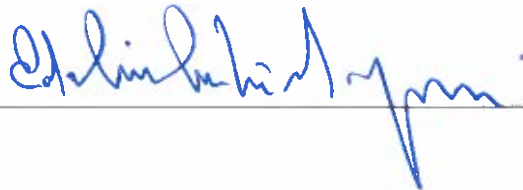
Nuno José Gonçalves Mascarenhas. -----

Não havendo mais intervenções, o Senhor Presidente da Assembleia deu por encerrada a sessão, do dia 25 de abril de dois mil e vinte e quatro, da qual se elaborou a presente ata. -----

Sines, 25 de abril de 2024

O Presidente da Assembleia Municipal de Sines

Idalino Sabido José



1ª Secretária

Nádia Andreia Pacheco Vilhena



2º Secretário

Artur Licínio de Oliveira Martins

